



Será que começamos a ter juízo?

O déficit nominal zero, proposto por Delfim Netto, é o caminho a seguir

Não, ainda não foi desta vez que começamos a ter juízo neste país. A Selic baixou só 0,25% e permaneceu no alto patamar de 19,50%, continuando em juros reais de cerca de 13%, e nos chegam alguns boatos que continuarão a baixar somente 0,25% ao mês. Afinal, os altos juros adotados justamente para baixar a inflação já foram bem-sucedidos, porém chega! Hoje já temos, acumulados, um pouco mais de 3% de inflação até agora neste ano, o que quer dizer que vamos chegar no fim do ano a cerca de 5,1%, que era a meta preconizada pelo BC.

Conseguida a meta tão procurada há dois ou três meses, já era hora de começar a reduzir a Selic. E muito mais rapidamente. Estamos mais do que atrasados. E daí? Todos os nossos problemas estarão resolvidos? Não, não estarão.

Se não, vejamos. Se a Selic for baixando somente de 0,25% ou mais por mês, irá chegar ao ainda altíssimo patamar de 18% no final deste ano. Os preços administrados já foram ajustados no primeiro semestre; e mesmo já tendo aumento do combustível e alguns outros pela frente, a economia vai mais ou menos bem, não há indícios de tumultos no exterior, tudo indica que o PIB será os 3,0%/3,5%, portanto há poucas chances de algo extraordinário acontecer para aumentar a inflação dos níveis atuais. Logo, não há o que impedir que a taxa Selic siga baixando mais rapidamente. Porém continuaremos em uma situação incômoda, infeliz economicamente falando, pois ainda os juros reais serão de 12% neste final de ano, provocando o alto fluxo dos capitais estrangeiros, que continuarão a fluir para o Brasil, fazendo com que o real continue demasiadamente valorizado e as taxas reais de juros continuem espetaculares para os investidores estrangeiros. Nada



mudar. Se não for alterada a política monetária/fiscal até aqui adotada, continuaremos diminuindo somente pouco a pouco a Selic e chegaremos no fim de 2006 com uma taxa de talvez 16%, juros reais de 11%, capitais continuando a fluir, real valorizado, o PIB continuando a crescer pouco e mantendo-se entre os piores da América Latina; ou seja, nada mudará. Com esse raciocínio para 2007, nossa economia, hoje a 17ª do mundo, passará para a 20ª colocação, ou seja, mudará para pior.

Não nos enganemos com os recentes recordes de saldos comerciais. O resultado bom que hoje temos em saldos comerciais um pouco é por causa do real por demais valorizado, porém é mais por causa dos altos preços das commodities internacionais e não pelo nosso volume de exportação, ou maior variedade de itens exportados. Muitas empresas estão deixando de exportar por causa da baixa rentabilidade ou mesmo por prejuízo por conta do real supervalorizado; algu-

mas ainda não decidiram parar, agüentando o prejuízo, porém será por pouco tempo. É só os preços das commodities voltarem à normalidade que veremos o valor de nossas exportações diminuir drasticamente e, com ele, o nosso ótimo saldo comercial. Aí voltamos ao que já também aconteceu no passado: aumentando a Selic de 16% para 19,75% novamente, ou mais, nada terá mudado. A "gangorra" continuaria e já estaríamos rebaixados para 20ª economia mundial.

Por que não damos um basta à "gangorra" na qual nos encontramos há anos e anos e nossos economistas do governo não tomam uma atitude de alterar a política monetária/fiscal para baixarmos rapidamente a Selic e, dessa forma, chegarmos a juros reais de 6% dentro de quatro anos, paulatinamente?

Então, por que não fazer o nosso dever de casa, que é não gastar mais do que ganhamos. O professor Delfim Netto, nosso eterno mestre apregoa, o dé-

ficit nominal zero, que é a política monetária/fiscal: gastar menos do que ganhamos.

O déficit orçamentário de hoje é de uns 2% a 3%. O que gastamos hoje com os juros da dívida pública é superior ao superávit primário, o que torna insustentável a situação econômica do País, com a permanência de juros altos (taxa Selic) por anos seguidos. O que temos de fazer? O óbvio: gastar menos do que ganhamos. É o déficit nominal zero para uns quatro anos, paulatinamente.

Qual a mensagem para o mercado ao adotar esse programa não tão lentamente, ano a ano, com seu término estipulado para quatro anos? O mercado passaria a sentir-se mais seguro e começaria a baixar a taxa de risco embutida nos preços; voluntariamente, o comércio também, todos que atuam no mercado também e as taxas de juros começariam a baixar naturalmente por si só. As taxas de risco, que são os maiores componentes da taxa de juros dos bancos, começariam também a se reduzir, já que vislumbrariam mais segurança. O comércio, assim, se sentiria também e assim também toda a economia. Os juros da dívida pública diminuiriam drasticamente, sendo os valores então poupados destinados aos gastos de infra-estrutura, tão necessários neste momento. Os empresários recomençariam a investir. Aí o movimento seria diferente: seria ascendente — menos riscos, menos juros. Porém acontecerá muito mais rapidamente se o programa do déficit nominal zero for adotado. É simples, é psicológico e parece-me que é isso que o nosso eterno professor Delfim Netto quer apregoar.

* Presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac) e presidente da JRP Planejamento de Negócios Empresariais S/C Ltda.